

VII. Caracterização geral e evolução cronológica do espólio

1. Vernizes e pastas (ver Anexo 4, Figs. 3 e 4)

Numa primeira observação de conjunto do espólio estudado directamente neste trabalho, é de notar uma já referida mediania de pastas e vernizes, a qual, todavia, deve possuir outras explicações que não apenas uma mais imediatista, tendente a considerar a falta de brilho ou a menor depuração das pastas como simples falta de qualidade de fabrico.

Primeiro, parece-nos útil considerar a acidez dos solos de Chãos Salgados, de componente xistosa, como altamente corrosiva para as cerâmicas neles depositadas. É provável que a falta de brilho detectada na maioria dos fragmentos possa dever-se a essa reacção.

Em segundo lugar, a alta frequência dos vernizes do tipo 3 do nosso estudo, bem como das pastas tipo 3, podem representar outras origens de fabrico que não apenas a de La Graufesenque, ao contrário do que inicialmente supuséramos, quando encetámos o estudo desta colecção. Recorrendo a métodos arqueométricos laboratoriais, no futuro, poder-se-á, em conjunto com uma análise do espólio hispânico, ter uma visão mais correcta das fronteiras de descrição entre a *terra sigillata* de La Graufesenque e a de Montans e a hispânica — em particular da região nordestina.

Por último, deve ter-se em linha de conta que as frequências de pastas e vernizes de tipo 3 podem relacionar-se com possíveis tendências de oferta e procura de *terra sigillata*, cujas configurações são difíceis de perceber nos estudos arqueológicos, dificuldade essa acentuada pela falta de uniformidade de critérios de descrição utilizados nas diversas publicações. Contra esta tendência, veja-se as propostas de ficha de inventário de Lopes (1994) e Carvalho (1993).

No espólio sudgálico observa-se apenas 29 fragmentos fabricados com recurso a uma pasta depurada, tipo 1, que facilmente se identifica como sudgálica e normalmente como de La Graufesenque, tal como a pasta 2, de boa qualidade, mas com mais elementos não plásticos, que surge em cerca de metade do espólio; a pasta 3, pouco depurada, é a base de 40,5% dos fragmentos.

Os valores obtidos na observação dos vernizes são elucidativos quanto à falta de brilho de muitas das peças: 422 exemplares — 72,1% —, são de tipo 3. O tipo 2 surge em 22,7% e o tipo 1 apenas em 1,1% dos exemplares. O verniz 4 está representado por 2,2% dos exemplares e pode constituir apenas uma falha de fabrico ocasional.

O verniz marmoreado, cláudio-neroniano, com 10 exemplares, pode ser outro indicador da mediania do espólio.

A hipótese levantada por Bourgeois e Mayet (1991, p. 84), a partir dos dados de *Baelo*, e considerada também por Viegas (2001, p. 32), de os vernizes menos brilhantes e peças mais imperfeitas, serem mais tardios, levou-nos a procurar sistematizar por formas as frequências dos tipos de pasta e vernizes, na tentativa de encontrar essa possível causalidade cronológica do decréscimo de qualidade de fabrico dos oleiros sudgálicos. Na verdade, essa hipótese não parece comprovar-se, ou ser passível de confirmação, em Chãos Salgados. O verniz 1 surge em 3 exemplares de Drag. 30 e 37. O verniz 2 surge num vasto leque formal e o verniz 3 alarga ainda mais o espectro tipológico, sendo aplicado em formas mais antigas como a Ritt. 1 e Drag. 17b, ou formas mais recentes como a Drag. 35/36 e 37. Focando a atenção em formas estatisticamente mais importantes, como os dois binómios Drag. 15/17-24/25 e Drag. 18-27, nota-se sempre uma maior frequência do verniz 3, embora o predomínio deste se acentue no binómio mais tardio, que tem, todavia, um total de exemplares mais vasto. Uma distinção entre formas lisas e decoradas também não é sustentável, já que o predomínio do verniz 3 é visível em ambos os conjuntos: note-se as altas frequências observadas nas Drag. 30 e 37.

2. Formas (ver Anexo 4, Figs. 5 e 6)

No quadro de frequências dos tipos atribuídos no espólio de Chãos Salgados tivemos de distinguir as origens dos espécimes em dois grandes campos:

- 1) os materiais estudados por observação directa, que estão depositados nas Ruínas Romanas de Miróbriga e no Museu Nacional de Arqueologia, bem como os conhecidos por inventário em publicações;
- 2) um segundo campo, a que acresce as frequências dos tipos conhecidos apenas por citação de quantitativos por Dias (1976-1977), depositados no Museu Municipal de Santiago do Cacém, e aos quais não tivemos acesso, pelo que as suas classificação e quantificação não foram confirmadas por nós. Este segundo campo foi objecto apenas de contagem de Número de Fragmentos, não podendo obviamente ser feita qualquer tentativa de contabilização de NMI.

Quanto às frequências determinadas, a primeira conclusão a assinalar é a semelhança percentual entre os valores de Número de Fragmentos e de NMI, o que permite a aceitação do cálculo do Número Mínimo de Indivíduos como minimamente fiável, tal como o próprio Número de Fragmentos, o qual, à partida, seria considerado mais susceptível de distorções pela amostra.

Creemos, por isso, ser razoável utilizarmos preferencialmente os valores de NMI, ao longo da análise do espólio.

Já focámos a baixa percentagem de peças marmoreadas (1,45% dos fragmentos). Neste contexto, o número de fragmentos com marca de oleiro é algo surpreendente (44 fragmentos = 6,3%), embora se aproxime a outras médias relativas a sítios diversos, como veremos mais à frente.

A relação entre formas lisas e decoradas, 80,2 — 19,8%, condiz com as características gerais do espólio, sendo normal que num universo com aspectos de mediania na escolha dos produtos adquiridos, os tipos lisos, de mais baixo custo, sejam os preferidos.

O próprio repertório formal não é vasto: ao todo, foram importadas 15 formas, que se distribuem por 5 pratos, 5 tigelas e uma taça/prato, lisos e 1 cálice e 3 taças decorados.

O maior leque formal encontra-se nas formas lisas.

Os 5 tipos de pratos estão representados pelas escassas Ritt. 1 e Drag. 17b, mais antigas e residuais (1,4 e 1%), tal como acontece com o prato flaviano, de tipo F2 (0,4%); e por duas outras formas largamente mais representadas, as Drag. 15/17 e 18, com 10,8 e 27%, respectivamente.

As 5 formas de tigelas apresentam igualmente dois tipos predominantes, as Drag. 24/25 e 27, com 11,9 e 18,3%, respectivamente, e formas mais residuais, representadas por tigelas mais antigas, tipo Ritt. 5 e 8 e pela Drag. 33, de cronologia mais vasta e, talvez por isso, com uma frequência ligeiramente superior — 3,6%.

A Drag. 35/36, flaviana, com decoração a barbotina, é igualmente residual (4,3%).

Como já referido, o repertório formal de peças decoradas é mais parco, sendo composto por formas habituais nos conjuntos de *terra sigillata* sudgálica, como as Drag. 29, 30 e 37, surgindo ainda o cálice Drag. 11. Este último, mais antigo, apresenta apenas 2 NMI, ou 0,7%. A Drag. 29, com cronologia um pouco mais vasta, conta com 3,2%, valor nitidamente escasso, embora a sua justificação nos pareça relacionar-se, não com a escassez de importações júlio-cláudias, mas com o movimento aquisitivo das formas decoradas, como se verá um pouco mais à frente. A Drag. 30 foi a forma decorada preferida dos consumidores de Chãos Salgados, com 10,4%, valor dispare em face dos obtidos para os restantes tipos decorados, mesmo tomando em consideração a sua cronologia mais vasta; a Drag. 37, flaviana, apresenta valores baixos, 5,4%, talvez em parte por causa da predominância da Drag. 30.

Para analisar a importação das formas, segundo patamares cronológicos, utilizámos uma metodologia próxima da que foi aplicada no espólio de marcas de USK (Tyers, 1993, p. 127), segundo o qual, uma peça cláudio-neroniana distribui-se estatisticamente por 0,5 em Cláudio e 0,5 em Nero (aplicámos a mesma metodologia no estudo das marcas). É possível, então, apontar o início das importações para a época tiberiana, segmento temporal em que se situam 11,2% das importações. Ter-se-ão adquirido, então, os pratos Ritt. 1, Drag. 17b e 15/17, as tigelas Ritt. 5, 8 e Drag. 24/25, bem como os dois exemplares decorados de cálice Drag. 11 e iniciado a importação da taça Drag. 29.

O ritmo de procura de *terra sigillata* sudgálica acelera em época cláudia, quando 25,2% do total do espólio terá sido adquirido. O reportório formal alarga-se igualmente. Aos pratos Ritt. 1, Drag. 17b e 15/17 — cuja aquisição começara em Tibério —, acresce o tipo Drag. 18. Não devendo haver nenhuma importação de Ritt. 5, a importação de taças Drag. 24/25 prossegue, agora acompanhada por novas formas, como as Drag. 27 e 33. A importação de cálices Drag. 11 será inexistente nesta época, continuando a aquisição da taça Drag. 29 e surgindo um novo tipo, a Drag. 30.

O auge estatístico das importações é atingido em Nero, totalizando 28,8% do espólio. O reportório formal dos pratos é semelhante ao de Cláudio, continuando a aquisição de Ritt. 1 (provavelmente ainda nesta época), Drag. 15/17, 18, mas desaparecendo o tipo Drag. 17b, cujo fabrico cessara em época cláudia. Por seu lado, o leque formal das tigelas será idêntico ao da época transacta, igualmente representado pelas formas Ritt. 8, Drag. 24/25, 27 e 33. O mesmo acontece com a importação de taças decoradas: Drag. 29 e 30.

O ritmo das importações mantém-se alto em época vespasiana, com 22,7% do espólio, embora abaixo dos valores cláudio-neronianos. A aquisição de pratos far-se-á provavelmente apenas através da Drag. 18; o repertório de tigelas é igualmente reduzido, contando apenas com as Drag. 27 e 33. A taça decorada Drag. 29 será provavelmente substituída pela Drag. 37, continuando a chegada de Drag. 30.

A importação de *terra sigillata* sudgálica deve cessar em Domiciano, ou seja, em finais do século I. Nesta última fase termina a aquisição dos pratos Drag. 18. As tigelas estão ainda representadas pelas formas Drag. 27 e 33 e as taças decoradas pelas Drag. 30 e 37. Os serviços flavianos, mal representados, chegam a Chãos Salgados pela Drag. 35/36 e por um único fragmento do tipo 2 do serviço F.

A importância da componente júlio-cláudia neste espólio é também demonstrada pelo número de fragmentos de fundos de prato: Dias (1976-1977) cita 42 fundos de prato roletados — de cronologia predominantemente júlio-cláudia — e outro 42 fragmentos (dos quais conviria saber qual a frequência de caneluras no fundo interno, também mais comuns em época pré-flaviana). Dos 63 fragmentos de fundos de prato inventariados no presente estudo, oito possuem roleta, 30 possuem canelura (quatro com duas caneluras e uma com uma cumulativa incisão externa a meia altura do pé-de-anel) e 1 fragmento possui fina moldura interna, na união do fundo com a parede.

O pico estatístico neroniano pode igualmente estar reflectido nos valores dos binómios Drag. 15/17-24/25 e Drag. 18-27, tendo o segundo uma frequência mais alta. Comparando contextos provinciais, um cláudio (duas lojas de *Camulodunum*, Reino Unido) e os níveis neronianos de USK (Reino Unido) e Zwammerdam — Holanda — (Tyers, 1993, p. 137), constata-se que nos níveis cláudios do primeiro caso, o binómio Drag. 15/17-24/25 é mais importante do que o segundo. O binómio Drag. 18-27 é, por outro lado, mais importante nos níveis neronianos de USK e Zwammerdam.

Contudo, a partir dos valores totais do espólio constata-se um certo equilíbrio entre a importação de pratos e de tigelas: 53,6/46,4%. Estes valores podem indicar uma procura de *terra*

sigillata sudgálica, conformada pela necessidade dos consumidores de formar conjuntos coerentes de “serviços”. No entanto, a análise deste fenómeno é bastante difícil de efectuar, a partir de espólios em grande parte descontextualizados, como este. Os serviços flavianos, delineados por Vernhet (1976), estão representados em Chãos Salgados, embora com poucos indivíduos, pela Drag. 35/36, cujas componentes prato/taça formavam um conjunto de mesa. Assim, dos seis serviços apresentados por este autor, apenas dois estariam representados neste sítio: o serviço A, através da Drag. 35/36 — o que constitui apenas duas formas de um total de quatro possíveis — e o serviço F, apenas representado por um único fragmento do tipo 2.

A identificação de serviço, ou de serviços, através do espólio de pratos e tigelas júlio-cláudio e flavianos já se revela mais difícil de concretizar, até porque uma análise linear de comparação estatística pode ser desvirtuadora da realidade histórica. Um serviço ideal romano seria composto por 12 peças: 4 pratos, 4 tigelas de tamanho médio e 4 tigelas pequenas (Polak, 2000, p. 68).

Em contextos fechados foi possível identificar conjuntos algo coerentes, nomeadamente em sepulturas, embora os seus espólios denotem uma variedade numérica que nos obriga a falar não de um, mas de vários possíveis serviços, de tendência algo casuística: em Clavier (Bélgica) — 4 pratos; 4 tigelas médias, 4 tigelas pequenas —; em Winchester (Reino Unido) — 4 pratos; 4 tigelas médias, 4 tigelas pequenas; 1 prato roletado, 2 tigelas; em Berlingen e Brustel (Bélgica) — 4 pratos, 1 prato roletado; 4 tigelas médias, 4 tigelas pequenas e 1 taça; em Crabwood, Spars-holt e Hants (Reino Unido) — 4 pratos; 4 tigelas médias, 4 tigelas pequenas; 1 tigela; em Winchester (Reino Unido) — 4 pratos; 4 tigelas médias, 4 tigelas pequenas; 1 prato; 1 prato e 1 taça; em Séron, Hanret, Bois de Buis, Penteville e Namur (Bélgica) — 3 pratos; 1 prato roletado; 5 tigelas médias e 3 tigelas pequenas; em Hunnerberg e Nijmegen (Holanda) — 1 prato e 2 tigelas em 4 sepulturas (Polak, 2000, p. 68).

A existir um conceito de serviço em Chãos Salgados, tendo em conta as frequências de pratos e tigelas, deve ter-se consumado por uma relação de 1:1. Os valores dos 4 tipos mais importantes apresentam uma igualdade entre o número de indivíduos do prato Drag. 15/17 e da tigela Drag. 24/25 (30 e 33 NMI). Este equilíbrio é parcialmente perdido no binómio mais tardio composto pelo prato Drag. 18 e pela tigela Drag. 27 (75 e 51 NMI), sendo que o papel da Drag. 27 pode ter sido também desempenhado pela Drag. 33, com 10 indivíduos. A conjugação de papéis entre os vários tipos de pratos e tigelas pode ser uma conclusão do equilíbrio estatístico que denotam ao longo das etapas cronológicas: em Tibério (12 e 14,3%), em Cláudio (28,8 e 24,5%), em Nero (29,2 e 33,7%), em Vespasiano (17,7 e 17,3%), e em Domiciano (12,4 e 10,2%).

3. Marcas (ver Anexo 4, Figs. 7 e 8)

Os 44 fragmentos de marcas distribuem-se por 20 oleiros, cujos nomes são legíveis. Segundo os dados disponíveis, é-nos possível admitir que todos eles trabalharam em La Graufesenque, embora muitos deles tenham exercido actividade cumulativa noutros centros.

Assim, 9 oleiros, *Crestio* ou *Crestus*, *Iunius*, *Masculus*, *Mercator*, *Mommo*, *Murrus* (cuja leitura pode ser *Murranus*), *Passenus*, *Pater* e *L.C. Virilis*, terão exercido exclusivamente a sua actividade em La Graufesenque.

- *Iucundus* i e ii, bem como *Nicius* poderão ter exercido a sua actividade também em Montans.
- *Rufinus* e *Sabinus* estão identificados em Montans e outros centros secundários.

- *Primulus* e *Primus* trabalharam igualmente em Montans, Lezoux (Gália Central) e outros centros secundários.
- *Libertus* também foi identificado em Lezoux.
- *Vitalis* ii produziu igualmente em Lezoux e outros centros secundários.
- *Bassus* i, *Labio* e *Murranus* (cuja leitura pode ser *Murrus*) trabalharam também noutros centros secundários.

A evolução cronológica do espólio de marcas revela algumas diferenças em face dos resultados estatísticos obtidos para o espólio total. Apesar de atingir igualmente o valor mais alto em época neroniana, os valores de Cláudio são, ao nível das marcas, mais fracos: pouco mais de metade em face de Nero; em Vespasiano, os valores mantêm-se altos, mas superiores aos de Cláudio, fenómeno que não acontece nos resultados totais do espólio. Os valores de Domiciano equiparam-se em ambos os casos, denotando a descida da procura destes bens. É provável que a importância estatística do espólio de marcas em época flaviana se relacione com o fenómeno idêntico ocorrido ao nível da importação de formas decoradas: teríamos, assim, um decréscimo nos valores dos números de vasos de *terra sigillata* comprados, mas um ligeiro aumento na qualidade dos produtos adquiridos, dando-se algum destaque a formas decoradas e vasos com selo de fabricante, que deveriam ter um custo superior. Todos os fragmentos marcados com formas determinadas pertencem a tipos lisos: *Bassus* (Drag. 15/17 ou 18), *Iunius* (Drag. 33), *Labio* (Drag. 15/17), *Masculus* (Drag. 15/17), *Mommo* (Drag. 18), *Murrus* ou *Murranus* (Drag. 24/25), *Primulus* (Drag. 15/17 e 15/17 ou 18).

É possível que o início da importação de vasos marcados recue a Tibério, já que *Bassus* i e *Masculus* começaram a produzir nesta época, mas tal não é seguro, em face da falta de melhores elementos datantes, nomeadamente estratigráficos; o mesmo se passa em relação ao possível fim das aquisições em Trajano, a ver pelas cronologias de *Mercator*, *L.C. Virilis* e *Vitalis*, cujas peças, mais provavelmente, terão sido compradas em finais do século I — o que poderá ainda englobar os inícios do principado de Trajano.

O oleiro mais representado é *Passenus* (4 fragmentos), seguido de *Sabinus* (3 fragmentos) e por um conjunto de oleiros com 2 fragmentos cada (*Mercator*, *Mommo*, *Murrus* ou *Murranus*, *Nicius*, *Pater*, *Primulus*, *L.C. Virilis* e *Vitalis*). Os restantes estão representados por uma só marca: *Crestio* ou *Crestus*, *Iucundus* i e ii, *Iunius*, *Labio*, *Libertus*, *Masculus*, *Primus* e *Rufinus*.

Numa estratégia de simplificar as hipóteses de leitura dos casos duvidosos, optámos pela leitura de *Nicius* na peça n.º 197, publicada por Almeida (1964, p. 63, n.º 4), do qual já conhecíamos um exemplar, tal como de *Pater* para o n.º 203 (Mir-138-22), cujo “R” final está mal impresso, à semelhança do que acontece com o n.º 202 (n.º 116 de Dias, 1976-1977). Os últimos dois fragmentos provêm da campanha de 1954-5, que incidiu sobre a área junto à entrada das termas (Artur, 1983).

Os mesmos critérios gráficos levaram-nos à identificação de *Passenus* na peça n.º 201 (Mir-531-187) — proveniente da UE 126, no exterior da construção n.º 3 -: todas as peças deste oleiro apresentam o seu nome em genitivo, seguido de *manus* abreviado em ablativo ou nominativo, e a sua grafia de “MA(*nu-us*)” é sempre cursiva geminando as letras “M” e “A”.

Por fim, identificámos *Vitalis* ii na peça apresentada por Artur (1983, p. 64) — campanha de 1954-5 —, pois a grafia de “ALIS” é semelhante à do n.º 213 (Mir-138-19), em particular o “S” final inclinado para a direita. A posição anormal desta marca, na superfície externa da parede de uma tigela, como se se tratasse de uma marca intra-decorativa, conduziu-nos a considerar este *Vitalis* como o mais recente, oleiro que fabricou moldes de Drag. 29 e 30.

A marca n.º 181 (n.º 10 de Almeida, 1964, p. 63) é semelhante à n.º 44.1 (|||M) de Cala Culip IV, onde surge uma vez (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197), embora a de Chãos Salgados possua 4 traços. A sua cronologia deve, pois, rondar a época vespasiana.

A marca n.º 196 (n.º 115 de Dias, 1976-1977), truncada, deve possuir um “F” de *officina* no início, já que é bastante semelhante a uma outra de Cala Culip IV, n.º 15.1 — “FNICIO” —, em que se repete o erro de o nome do oleiro não constar em genitivo (Nieto Prieto et al., 1989, p. 197).

Todos os caixilhos são de planta rectangular, excepto o do n.º 177 (Mir-164-2[465]), de contorno bi-troncocónico e cuja leitura é impossível devido à péssima qualidade da impressão, e o n.º 211 (n.º 108 de Dias, 1976-1977) pertencente a *L.C. Virilis*, de extremidade em forma de ponta de seta.

Segundo Polak (2000, p.146), o uso de *officina* (sucedido de genitivo) e de *manus* (precedido de genitivo) aumenta bastante, a partir da década de 40, em detrimento do uso de *fecit* (precedido de nominativo) e de nominativo, resultante da intensificação de produção, nomeadamente em La Graufesenque. A partir dos dados de Vechten, Polak concluiu que os oleiros com grandes índices de produtividade utilizam o termo *officina* mais vezes; os genitivos e abreviatutas estariam associados a oleiros de produtividade média; e os termos *fecit* e nominativo seriam usados por oleiros de menor poder, tal como o termo *manus*, embora de utilização crescente ao longo do século I.

Em Chãos Salgados, o termo *officina* surge 10 vezes (*Lucundus* ii, *Labio*, *Sabinus*, *L.C. Virilis* e *Nicius*); o termo *manus* surge 5 vezes, por *Primus* e *Passenus*, este último, o oleiro mais representado em Chãos Salgados.

O termo *fecit* surge 1 vez. O nominativo, 5 vezes (*Libertus*, *Mercator* e *Pater*); nominativo ou genitivo, 4 vezes (*Crestio* ou *Crestius*, *Sabinus* — ambos abreviados — e *Vitalis*); o genitivo, 4 vezes (*Bassus* i, *Iunius* e *Primus*).

4. Grafitos (ver anexo 4, fig. 8)

O fraco universo de grafitos de pós-cozedura (7 fragmentos, todos em formas lisas), normalmente produzidos pelos consumidores, denota um hábito pouco interiorizado pelos habitantes deste sítio.

Os n.ºs 214 a 217 (n.ºs 26, 27, 28 e 29 de Dias, 1976-1977) indiciam alfabetização da população, já que apresentam caracteres latinos.

O n.º 201 (Mir-531-187), “XI”, pode indicar uma quantidade, embora este tipo de grafitos seja mais usual em contentores. Uma outra hipótese seria a de indicar um preço, hipótese sugestiva, embora especulativa. Um prato Lud.Tb ou Ta’, da segunda metade do século II, proveniente de Rheinzabern, encontrado em Salzburg, possuía um grafito, “AS XII”, interpretado como um preço (Kovacsovics, 1987), ligeiramente superior a este outro hipotético de Chãos Salgados.

5. As importações sudgálicas no quadro das importações de *terra sigillata* em Chãos Salgados (ver Anexo 4, Figs. 9 e 10)

Apenas são conhecidos os números de fragmentos em *terra sigillata* itálica, sudgálica e hispânica. Os dados das produções africanas publicados pelo signatário (Quaresma, 1999b) somente reportavam-se ao número de fragmentos (formas identificáveis), pelo que não podemos apresentar o total de número de fragmentos. Os quantitativos de *terra sigillata* hispânica apresentados estão deflacionados, pois, por erro de classificação nossa, não se identificaram como tal bastantes fragmentos hispânicos, supondo-se serem sudgálicos (Quaresma, 1999b). O seu número de fragmentos, numa visão apriorística, pode não chegar a ultrapassar os valo-

res sudgálicas, algo que mesmo que acontecesse seria relativizado pelo cálculo da importação média anual. No entanto, o seu valor deve ser considerado importante, indicando uma continuidade do ritmo de importações no Alto-Império.

Para uma interpretação mais eficaz das importações sudgálicas convém centrar a análise juntamente com os valores itálicos e hispânicos, bem como da produção A norte-africana, recorrendo, pelo acima exposto, aos valores de número de fragmentos.

Os finais do século I a.C. e primeiras décadas do século I d.C. assistem à chegada dos primeiros vasos de *sigillata*, itálica, em número reduzido (21 fragmentos), com uma média anual de 0,7 fragmentos, representando 1,9% das importações do sítio.

As importações sudgálicas representam um salto qualitativo notório: os 695 fragmentos equivalem a 14 peças/ano e a 62,7% do total de *sigillata*. A sua capacidade de concorrência deve ter sido fortíssima, pelo menos a partir de Cláudio, dominando, pelo menos, no terceiro quartel do século I, devendo estender-se aos finais da centúria, proposta que encontra algum fundamento na estratigrafia da construção n.º 1 do nosso estudo, embora sejam precisos mais dados estratigráficos, ao longo do sítio, para consolidar esta proposta evolutiva.

A *sigillata* hispânica representa 7,1% do espólio, com 7,8 peças/ano, embora este valor esteja deflacionado, como já dito. No entanto, as importações peninsulares serão a concorrente directa das sudgálicas, na segunda metade do século I, já que o valor de *terra sigillata* africana A, apesar de representar 12,5% do espólio, com 0,8 peças/ano, num total de 139 fragmentos, apenas inclui 14 fragmentos de A1, cujo início das importações se faz em época flaviana. A escassez desta produção A1 está também ilustrada na estratigrafia da construção n.º 1.

De origem centro-gálica, provavelmente Lezoux, existe ainda um exemplar de Drag. 30, datado de Adriano, ou algo posterior, e que representa um consumo esporádico, sem relação directa com as importações sudgálicas do século I.